**O USO EXCESSIVO DAS MÍDIAS DIGITAIS E A MORTE DO LUGAR.**

(EXCESSIVE USE OF DIGITAL MEDIA AND PLACE OF DEATH.)

**João Alves Freire Filho**

**RESUMO**

Nas últimas décadas do século XX e no início do século XXI, a geografia tem ganhado importância e conquistado espaço, graças a dois processos históricos: a globalização e a revolução técnico-científico-informacional. O primeiro tem contribuído para o encurtamento do espaço geográfico e o segundo proporcionou o surgimento de um espaço virtual, que difere da dinâmica da sociedade, enquanto espaço físico; fato esse, que nos leva a refletir sobre algumas das categorias de análise da geografia, que estão em maior evidência, em virtude do fortalecimento do conceito de ciberespaço ou espaço virtual, que vão interferir na abordagem das categorias geográficas tradicionais tais como: espaço geográfico, território, região, paisagem e lugar. Sendo assim o presente trabalho busca refletir sobre as repercussões trazidas pela chamada revolução técnico-informacional e o uso das mídias digitais no cotidiano das pessoas e no processo de ensino-aprendizagem, além de incorporar o ciberespaço como categoria de análise no ensino de geografia, e analisar os impactos das novas tecnologias na formação dos professores e no dia a dia dos alunos.

**Palavras-Chave**: Lugar; Rede social; Ensino.

**ABSTRACT**

In the last decades of the twentieth century and early twenty-first century, the geography has gained importance and conquered space, thanks to two historical processes: globalization and scientific-technical revolution informational. The first has contributed to the shortening of the geographic space and the second gave the appearance of a virtual space, which differs from the dynamics of society, while physical space, this fact, which leads us to reflect on some of the categories of analysis of geography, which are in greater evidence, due to the strengthening of the concept of cyberspace or virtual space, which will interfere with the traditional approach of geographic categories such as: geographic space, territory, region, landscape and place. Therefore this paper aims to reflect on the consequences brought about by technical-called informational revolution and the use of digital media in daily life and in the process of teaching and learning, as well as incorporating cyberspace as a category of analysis in geography teaching, and analyze the impact of new technologies in teacher training and in everyday life of students.

**Keywords**: Place; Social Networking; Education.

**INTRODUÇÃO**

 Na nossa vida diária frequentamos e conhecemos diversos espaços: as igrejas, as praças, os clubes, as escolas, os hospitais, os museus, as fábricas, os templos religiosos, e até mesmo a nossa própria casa, que também possui subespaços: a sala, o quarto, a cozinha, o banheiro dentre outros, mas todos possuem duas características em comum, são uma porção delimitada do espaço geográfico e são dotados de significados, que são atribuídos pela ação humana.

Segundo Augé, esses lugares têm pelo menos três características comuns. Eles se pretendem (pretendem-nos) identitários, relacionais e históricos. O projeto da casa, as regras da residência, os guardiões da aldeia, os altares, as praças públicas, o recorte das terras correspondem para cada um a um conjunto de possibilidades, prescrições e proibições cujo conteúdo é, ao mesmo tempo, espacial e social. (AUGÉ, 1994, p.52).

 Nos estudos das categorias de análise em geografia, classificamos o lugar como a menor escala geográfica e certamente a de maior importância para compreendermos a relação do homem com o meio natural, transformando-o através do seu trabalho em meio social, dotado de especificidades e de subjetividades, capaz de gerar nos indivíduos um sentimento de identidade com o seu próximo, mediado pelas práticas sociais e culturais dos grupos que os constituem, de tal forma que:

Tuan (1983, p. 171) escreve que o lugar representa um receptáculo de lembranças e permanência carregadas e vivenciadas pelo homem; é um arquivo de lembranças afetivas e realizações importantes que inspiram para viver o presente. Para o autor, é importante o tempo para se conhecer ou afeiçoar-se a um lugar. Em certos casos é necessário um longo tempo para construir raízes num determinado lugar, porém nada impede que alguém se apaixone por um lugar num contato rápido ou numa estória sobre ele. (STURZA, 2006, p. 343)

 No entanto, a realidade atual nos sugere que estamos passando por um momento de ruptura dessa concepção epistemológica de lugar. Tal ruptura é provocada pelo constante aperfeiçoamento dos meios de comunicação digitais, e pelo fortalecimento das redes sociais de comunicação virtual, que criam a possibilidade dos indivíduos se conhecerem sem estar presentes, o que denominamos nesse trabalho de “a morte do lugar”, enquanto dimensão física e particular de cada sujeito.

Se um lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá um não lugar. A hipótese aqui defendida é a de que a supermodernidade é produtora de não lugares, isto é, de espaços que não são em si lugares antropológicos... (AUGÉ, 1994, p. 73)

 Tuan, (1980, p. 01) no livro Topofilia, defini o termo topofilia como sendo: “o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico”. Em oposição a este conceito, o autor também trabalha com a ideia de “topocídio”, que segundo o mesmo, seria a perda da identidade cultural dos lugares e das paisagens nas quais os sujeitos estão inseridos. Percebe-se aí, uma relação daquilo que Tuan chamou de topocídio e o que denominamos nesse trabalho de “a morte do lugar”, pois em ambos os casos, há um processo de descaracterização dos lugares antropológicos.

 O nosso maior objetivo nesse trabalho, busca refletir sobre como a globalização, a informatização e a comunicação agem em articulação para fragmentar o espaço e desarticular as ações dos sujeitos enquanto agentes de transformação do lugar. Afinal, percebe-se claramente que o surgimento dos novos recursos tecnológicos, que tem como objetivo facilitar o contato e a comunicação entre as pessoas tem interferido bastante, na compreensão e nas relações das pessoas com os lugares historicamente construídos.

 Também consideramos que esse momento é de grande riqueza para o estudo da geografia, pois ela nos proporciona um processo crítico de apropriação do meio técnico-informacional, na análise e compreensão do meio no qual estamos inseridos, seja ele, físico ou virtual. Fato esse, que nos leva a reconstruir a importância do ensino da geografia critica na sociedade globalizada.

**O TRIPÉ DA MODERNIDADE**

 Diariamente ouvimos falar em aldeia global, em multinacionais, em internacionalização, transnacionalização, todos estes termos estão inteiramente ligados a um fenômeno muito maior, denominado por diversos autores de globalização, processo esse que embora não seja recente, hoje se apresenta de forma mais incisiva, devido a dois processos distintos, mas complementares, que é a informatização e a comunicação. Sendo assim, globalização, informatização e comunicação formam o tripé da sociedade moderna.

 Primeiro, definiremos esses agentes para depois demonstrar que embora cada um possua papéis específicos, eles agem de forma articulada e ideologicamente e possuem o mesmo propósito. Começaremos conceituando a globalização, que é a escala mais ampla da nossa análise, e com certeza a mais problemática. Por ser um fenômeno macro, possui diversas definições, dependendo do eixo da análise em questão (político, econômico, financeiro, ou cultural).

 Para tanto, tomaremos emprestadas as palavras dos autores Clóvis Brigagão e Gilberto Rodrigues. No seu livro “Globalização a Olho Nu”, eles afirmam que em termos de filosofia política, a globalização pode ser descrita como:

(...) um processo de difusão de idéias, valores, condutas e diversidades culturais, formas de produção e de trocas comerciais, múltiplos serviços, desenhos organizacionais, pesquisa & desenvolvimento na área da ciência e da tecnologia, novos materiais, nova logística dos meios, miniaturização eletrônica, gestão de ecossistemas, que atravessam e rompem as fronteiras nacionais. (BRIGAGÃO E RODRIGUES, 1998, p.13)

Não vamos aqui fazer uma análise da definição de globalização, fornecida pelos autores citados, até porque voltaremos ao tema em questão, quando estivermos discutindo as implicações de tal processo no discurso hegemônico da sociedade capitalista moderna, mas a utilizamos por acreditar que devido a sua amplitude, ela facilitará a compreensão do leitor para o tema em debate, compreensão essa que é de fundamental importância para o entendimento do fenômeno atual.

 Outro autor que também debate bastante sobre os impactos da globalização no contexto atual é Milton Santos. No seu livro Por uma outra globalização, (SANTOS, 2008), ele diz que devemos encarar o processo de globalização, levando em consideração a existência de pelo menos três mundos, “*o mundo como fábula, como perversidade e como possibilidade*” (SANTOS, 2008, p. 18). Sendo assim ele afirma:

De fato, se desejamos escapar à crença de que esse mundo assim apresentado é verdadeiro, e não queremos admitir a permanência de sua percepção enganosa, devemos considerar a existência de pelo menos três mundos num só. O primeiro seria o mundo tal como nos fazem vê-lo: a globalização como fábula; o segundo seria o mundo tal como ele é: a globalização como perversidade; e o terceiro, o mundo como ele pode ser: uma outra globalização. (SANTOS, 2008 , p. 18)

 A informática, por sua vez, representa uma face de outro prisma bem mais amplo, que é a revolução técnico-cientifíca-informacional, marco histórico da era contemporânea, SANTOS (2008, p. 40) afirma que, “ciência, tecnologia e informação são a base técnica da vida social atual”. Se hoje vivemos em uma aldeia global, devemos principalmente ao desenvolvimento tecnológico e informacional, porque sem esses avanços dificilmente a globalização teria alcançado tamanho patamar com tanta rapidez. Ainda segundo o autor:

O meio de vida do homem, seu entorno, não é mais o que, ainda há alguns decênios, geógrafos, sociólogos e historiadores chamaram de meio técnico. O meio técnico-científico-informacional é um meio geográfico onde o território inclui obrigatoriamente ciência, tecnologia e informação. (SANTOS, 2008, p.41).

 Com relação às transformações técnicas, podemos citar o encurtamento do espaço geográfico, devido ao desenvolvimento de meios de transportes de alta velocidade, tais como o avião, o trem bala, os navios, os metrôs, os submarinos, os automóveis particulares. A verticalização do espaço urbano devido ao avanço na construção civil, e a especulação imobiliária, o desenvolvimento de máquinas e equipamentos, a construção de estradas, de portos, aeroportos, a industrialização, a robotização, a urbanização, a mecanização da agricultura, e a própria criação da informática.

 No campo das ciências também podemos destacar mudanças significativas, dentre estas, o estudo do genoma humano, representa uma esperança para aquelas pessoas que sofrem com doenças incuráveis tais como HIV, mal da Parkinson, etc. Tamanha importância também é dada à descoberta das células troncos. Segundo os geneticistas a partir delas poderão ser desenvolvidas novas células, para substituir células danificadas de qualquer parte do corpo humano, o que representa a possibilidade de cura, para doenças que hoje requerem um transplante. Isso sem mencionar a criação das sementes transgênicas, a clonagem humana, a partir de estudos realizados com a ovelha Dolly, o melhoramento genético através da inseminação artificial, a fertilização *in vitro*, e uma série de outros acontecimentos que poderíamos mencionar.

 Mais sem sombra de dúvidas um dos setores que mais sofreu transformações foi o da informação.

Um século atrás, um acontecimento no continente europeu levava 30 dias para chegar ao Brasil. Hoje, com o fax, qualquer pessoa faz uma página escrita cruzar o atlântico em poucos segundos e através do e-mail, o tempo encurta-se ainda mais. (BRIGAGÃO e RODRIGUES, 1998, p. 53-54)

Isso é apenas um dos exemplos da revolução que os meios de comunicação mundiais alcançaram. Hoje o mundo é global graças a televisão, ao fax, ao telefone, aos satélites e principalmente devido à criação da rede mundial de computadores, também conhecida como a internet.

 O desenvolvimento dessa ferramenta de comunicação veio revolucionar não somente o setor de comunicação através dos correios eletrônicos, do *MSN*, do *Orkut*, *twitter*, dos bates papos, das teleconferências, mais também outros setores da economia global tais como o comércio eletrônico, as transações bancárias, o turismo, a prostituição principalmente de crianças e adolescentes, a pedofilia, o narcotráfico, dentre tantos outros.

As tecnologias digitais surgiram, então, como a infraestrutura do ciberespaço, novo espaço de comunicação, de sociabilidade, de organização e de transação, mas também novo mercado da informação e do conhecimento. (LÉVI, 1999, p.32)

 É através do desenvolvimento e do constante aperfeiçoamento do computador pelas indústrias da informática, dentre elas a *IBM* e *MICROSOFT*, que bancos, empresas, governos começam a automatizar suas rotinas diárias. De início, o propósito era facilitar e otimizar o tempo gasto com as tarefas cotidianas, depois como iremos analisar, o desejo do homem passa a ser o de acelerar o tempo e contrair o espaço, a fim de automatizá-los, tornando-os sequências lógica de bits e bytes, negando ao sujeito o direito de pertencer a um lugar e a um determinado momento histórico.

 Mas mesmo o computador tendo representado um papel importante no avanço informacional, ele sozinho não alcançaria o objetivo proposto pela globalização. Desse modo foi preciso o desenvolvimento da rede mundial de computadores (internet) para que o sistema capitalista de produção pudesse disseminar mundo afora os seus ideais e os seus padrões de beleza, de cultura, de valores, de idéias, de raça, de religião etc.

 Com o desenvolvimento da rede mundial de computadores, a globalização finalmente começa a expandir pelo mundo o discurso hegemônico do capital através da rede, e o que é pior, busca criar nos usuários desse sistema informacional, uma homogeneidade nas práticas culturais.

 Passaremos agora à análise do nosso terceiro eixo, que é a comunicação. O ato de comunicar-se sempre esteve ligado ao desenvolvimento do homem e das sociedades, sendo marca exclusiva do ser humano, muito embora os animais também se comuniquem, pois do seu jeito. Compete ao homem à principal característica do ato comunicativo, que é a sistematização racional das idéias vigentes nas sociedades. É através da comunicação que os homens vão se organizar em grupos com afinidades parecidas, para lutarem por seus interesses, sejam eles, políticos, econômicos, ou sociais.

 No entanto, a atividade comunicativa sempre teve um limitador natural, que eram as barreiras físicas e geográficas, entre o sujeito comunicante e o ouvinte, afinal para que a mensagem pudesse circular entre ambos, era necessária a presença de um terceiro agente, para fazer a ligação entre o sujeito que fala e o que ouve a mensagem. Esse papel durante muito tempo foi exercido pelos mensageiros e posteriormente, com o desenvolvimento da escrita, pelas cartas. Só que dependendo das distâncias entre os agentes da comunicação, essa informação poderia levar mais ou menos tempo para chegar ao seu destino final, fato esse, que dificultava bastante a ação dos grupos envolvidos no processo.

 Com o desenvolvimento dos meios eletrônicos de comunicação, dentre eles o telefone celular e principalmente a internet, o homem lança a semente para uma nova revolução na ação comunicativa, e para uma mudança significativa nos paradigmas de compreensão do espaço geográfico e do tempo histórico. Agora a informação circula em tempo real e de forma instantânea. Sendo assim:

A antiga concepção geográfica caducou. As atuais sobreposições de espaços e espaços-tempo, além da geografia eletrônica, implicam outras estruturas e relações sistêmicas, além de criarem outras formas e redes sociais por e sobre toda a Terra. (BRIGAGÃO E RODRIGUES, 1998, p.10)

 Para que ocorram essas mudanças de paradigmas, dois fatores são de extrema importância, a popularização do computador e consequentemente a democratização do acesso à internet, estágio este alcançado na última década do século XX e principalmente no início do século XXI, quando o computador deixa de ser um equipamento de uso exclusivo das empresas e passa a ser de uso pessoal, também à luz da criação e expansão das redes sociais de comunicação virtual.

 Hoje o mundo está conectado por diversas redes sociais que se interconectam. Através da rede mundial de computadores, informações são enviadas de um terminal eletrônico por um emaranhado de cabos de fibra óptica ou por satélites para outro terminal que recebe e decodifica as informações, enviando-as através da tela das mídias digitais para o seu receptor. Sendo que as redes sociais de uso mais frequente no Brasil são o *twitter*, o *Orkut*, o *MSN* e o *facebook*. A esta dinâmica entre um terminal que envia, um que recebe e um que decodifica e o usuário da rede, dá-se o nome de ciberespaço, ou espaço virtual.

O ciberespaço (que também chamarei de “rede”) é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. (LÉVI, 1999, p.17)

 No espaço geográfico o principal agente de transformação é o cidadão, através do seu contato direto ou indireto com o meio geográfico no qual está inserido, por meio da dialética (ação-reflexão-ação), contribuindo de forma decisiva para conservação ou transformação do lugar onde vive. Digo lugar, porque em escala geográfica, é no lugar que ocorrem as relações simbólicas e significantes entre o sujeito e o meio, criando assim, um processo de identidade com o mesmo e de valorização dos grupos existentes através das suas práticas culturais, sociais, políticas etc. Os PCNs do Ensino Médio (Brasil, 1999:313) consideram que:

O conceito de lugar guarda uma dimensão prático-sensível que a análise vai aos poucos revelando. Lugar é a porção do espaço apropriável para vida, que é vivido, reconhecido e cria identidade. Ele possui densidade técnica, comunicacional, informacional e normativa. Guarda em si o movimento da vida, enquanto dimensão do tempo passado e presente. (...) É no lugar que ocorrem as relações de consenso e conflito, dominação e resistência. É a base da reprodução da vida, da tríade cidadão-identidade-lugar, da reflexão sobre o cotidiano, onde o banal e o familiar revelam as transformações do mundo e servem de referência para identificá-las e explicá-las. (SILVA, 2003, p.44)

 É ainda no lugar que ocorrem as relações de reciprocidade, de afetividade, de solidariedade, de pluralidade e de conflitos, pois o lugar não é um espaço homogêneo, mas sim de particularidades e interesses diversos, mas isso não nega o fato dos sujeitos pertencerem a um espaço delimitado e a um determinado período histórico. Pelo contrário, esse fato vem reafirmar a necessidade que os indivíduos possuem de viverem em comunidades com interesses afins, mas respeitando as particularidades de cada grupo e de cada sujeito.

 Já no ciberespaço, ou espaço virtual, esta relação de identidade entre o sujeito e o seu lugar antropológico não existe. Se no espaço geográfico a dinâmica do processo social está na relação do homem com o seu meio físico, no mundo virtual, a relação se dá entre o internauta, sujeito dotado de capacidades técnicas de operacionalizar a informação e a máquina ou o computador, objeto técnico responsável por armazenar todas as informações necessárias para a composição das redes sociais de comunicação.

 A miniaturalização do espaço e do tempo, a sua transformação em bits e bytes e o surgimento do ciberespaço transformam radicalmente a base epistemológica na qual a sociedade do Século XX foi construída, pois o sujeito que antes era histórico e espacial, agora se tornou um bit entre tanto outros bits e bytes, navegando por um emaranhado de fios em escala planetária. O internauta embora possa viajar por um número infinito de informações, de lugares, de pessoas, transformou-se em um objeto dotado de atopia e de acronia, ou seja, um objeto sem espaço e sem tempo próprios, flutuando no mundo virtual.

**ENCONTROS E DESENCONTROS NO MUNDO VIRTUAL**

 Se fizermos uma busca na internet, facilmente encontraremos um número ilimitado de comunidades virtuais, grupos que se conectam por perfis e afinidades parecidas, através das chamadas redes sociais de comunicação virtual. Nesses espaços é possível postar fotos, vídeos, comentários, comunicar-se através de mensagens instantâneas escritas, ou até mesmo se comunicar através de som e imagem com o auxílio de uma *web cam*. Todo esse aparato tecnológico, a princípio, teria como objetivo principal aproximar as pessoas de diferentes tribos, e criar laços de amizades entre os indivíduos dos diferentes lugares e/ou distâncias.

 O primeiro ponto contraditório que percebemos através da nossa observação diária do cotidiano de algumas das pessoas que utilizam as redes sociais e de algumas leituras de autores que discutem o papel das mídias e das transformações tecnológicas, tais como Milton Santos, Pierre Lévy, André Lemos, Marc Augé, Anthony Giddens, é que as redes sociais não só aproximam as pessoas, mas pelo contrário, afastam-nas muito mais. O indivíduo da sua família, o funcionário da sua empresa, o estudante da escola, os amigos dos momentos divertidos e o cidadão do seu lugar de origem e da sua cultura.

 O isolamento dos membros de uma mesma família, pais, filhos, mães e irmãos é uma das características da modernidade. É claro que diversos fatores colaboram para este isolamento. A agitação da rotina diária, as ocupações com trabalho, educação, saúde, e em especial o uso excessivo dos recursos tecnológicos, aí incluindo as redes sociais.

 Pois o pouco tempo livre que sobra para a família estar junta os membros se distanciam, para fazer uso do aparato tecnológico disponível no mercado e constantemente divulgado nos meios de comunicação como sendo algo essencial para a vida. Celulares, *notebooks*, *tablets*, jogos eletrônicos, hoje parecem ser extensões do próprio corpo dos indivíduos, algo sem o qual as pessoas não conseguem sobreviver.

 Outra marca importante da modernidade é a prestação de serviços *online*, principalmente através do mercado virtual. Nesses espaços as empresas divulgam suas marcas e comercializam seus produtos diretamente com os consumidores, algo aparentemente positivo, mas que numa análise mais profunda revela conseqüências negativas. Primeiramente para os funcionários dessas determinadas empresas, pois vai haver uma redução na oferta de postos de trabalhos. Também devido à mobilidade que essas empresas possuem vai haver um distanciamento entre os seus donos e os prestadores de serviços, dificultando bastante as reivindicações e a organização de classe desses setores.

 Com relação aos usuários desses serviços diariamente ouvimos reclamações contra bancos, prestadora de cartões de credito, planos de saúde, lojas, restaurantes, que prestam serviços online e que constantemente estão violando os direitos dos consumidores, seja na entrega de um produto, na prestação de um serviço, ou na cobrança de uma fatura. E o que é mais grave é que geralmente o usuário não sabe como e nem de quem cobrar.

 Talvez uma das formas mais incisivas desse distanciamento como marca da modernidade se apresente na escola. Pois hoje, a escola já não mais consegue atrair a atenção do aluno para os conteúdos trabalhados pelo professor. É claro que isso tem uma série de causas, que no momento não é oportuno discutir, mais sem sombra de dúvidas, o uso inapropriado ou excessivo dos recursos tecnológicos pelo aluno, se apresenta como um dos principais fatores desse distanciamento. Prova disso, é que alguns estados brasileiros, aí incluso o estado do Ceará, já criaram leis específicas para controlar o uso desses recursos por parte do aluno dentro da sala de aula.

 Também não podemos deixar de mencionar que o internauta por estar constantemente navegando no mundo virtual, na cibercultura, se encontra altamente informado dos acontecimentos que estão ocorrendo nos diversos cantos do mundo, está conectado com diversas comunidades virtuais, participa de vários grupos de discussão, navega nas redes sociais e conhece pessoais de todos os lugares do mundo.

 Mas ao mesmo tempo ignora totalmente os acontecimentos que estão ocorrendo à sua volta, no seu bairro, na sua cidade, na sua escola, e desconhece os vários tipos de manifestações da cultura popular que faz parte da sua cultura, da sua raiz. Afinal, esses acontecimentos não são considerados significativos para fazerem parte do mundo virtual.

 Esse distanciamento ocorre não na sua dimensão física, mas sim perceptiva, pois para estar conectado com o mundo virtual, o internauta precisa se afastar da sua realidade concreta, para mergulhar no mundo imaginário, no mundo da fantasia, na *matrix*, no mundo onde tudo é possível, bastando para isso que ele se tranque em um ambiente fechado e possua um computador moderno conectado a uma internet banda larga, isso sem falar em outros inúmeros aparelhos que também possuem essa função de conectividade, mas ao mesmo tempo de afastamento do sujeito com outro e consigo mesmo.

 Outro ponto conflitante é a ideia de que as redes sociais facilitariam o contato do internauta com outras culturas existentes. No entanto, como isto pode acontecer se no meio virtual, o que prevalece são os valores impostos pelas mídias de uma cultura global capitalista e individualista? Prova disso são os perfis ou avatares criados nas redes sociais, que mascaram as características físicas, intelectuais e culturais dos usuários, criando dessa forma, indivíduos dotados de características próprias de um padrão global hegemônico e homogêneo, onde ser diferente implica estar desconectado do mundo, mundo este que não é mais físico e sim abstrato.

 No ciberespaço também se criou o conceito de amizade virtual, onde através das redes sociais, podemos ter um número infinito de amigos, tendo a comodidade para adicioná-los ou excluí-los da nossa lista de relacionamentos, no momento que acharmos conveniente. Isso também vai gerar outro paradoxo, pois se temos tantos amigos virtuais, porque vivemos em um mundo concreto tão individualista? Por que temos tantas pessoas com problemas de depressão e com crises de identidade existencial? E mais ainda, porque não excluímos os problemas das nossas vidas?

 Talvez isso esteja acontecendo, porque ao transformar o espaço geográfico em ciberespaço, a cultura em cibercultura, a cidade em cibercidade, o cidadão local em cidadão global, e o sujeito agente de transformação em objeto operacional, estejamos negando a especificidade do (eu), característica essencial que liga o homem histórico ao seu espaço real “o lugar”, palco de múltiplas relações de força e poder, mas que por isso mesmo, é capaz de criar no indivíduo este sentimento de pertencer a algo, ser algo, ser sujeito na e da história, enfim, ter uma identidade própria.

 Também não conseguimos apertando a tecla “delete” do nosso computador, dar um basta nos nossos problemas, nem fazendo um backup conseguimos conservar nossos momentos felizes, nem muito menos fazendo um download conseguimos trazer de volta um ente querido que faleceu, pois embora o mundo seja virtual, nossos problemas, perdas e sensações são reais, e fazem parte do nosso cotidiano enquanto sujeito dotado de dimensões históricas, sociais e afetivas, e que são manifestadas através do nosso contato diário com o lugar vivido, perceptivo, fraterno, humano etc.

 Também é ilusória a ideia de que o ciberespaço cria nos seus usuários um multiculturalismo, pois ao se conectar com o mundo virtual, incorporamos no nosso cotidiano às informações, os valores, o desejo de consumo e as práticas culturais defendidas pelos grupos dominantes capitalistas que detêm o controle estatal de todos os veículos de comunicação de massa. Dessa forma, há um distanciamento dos indivíduos com o seu lugar de origem, dos seus valores, da sua história, das suas práticas culturais, criando assim, sujeitos “aculturados”, ou seja, sem uma cultura própria que os identifiquem com o seu lugar e com a sua práxis.

 Um exemplo prático desse aculturamento é fácil perceber na escrita realizada nas redes sociais, pois para comunicarem-se os internautas estão criando símbolos e abreviações (cibercultura) que diferem do padrão culto conhecido pela língua escrita de todos os países do mundo. Uma escrita que não praticamos e nem vemos em nenhum livro e informativo e só é utilizada no universo do ciberespaço.

**AS TECNOLOGIAS INFORMACIONAIS E O NOVO PAPEL DO ENSINO DE GEOGRAFIA NA SOCIEDADE VIRTUAL**

 Um dos primeiros pontos que merece ser abordado é saber se com tanta tecnologia a serviço da sociedade, o professor não corre o risco dê ser substituído, por um software inteligente que transmita para o aluno todas as informações necessárias para que o mesmo consiga a aprovação no vestibular e num bom concurso público, assim como os trabalhadores da indústria automobilística desde a segunda revolução industrial estão sendo substituídos por robôs, com maior capacidade de trabalho e sem necessidade de remuneração.

 Outro ponto que também merece ser debatido está relacionado com a informação, afinal diariamente temos acesso a dezenas de fatos, acontecimentos, oportunidades, tragédias, marcas da globalização, que mais uma vez coloca em evidência atuação do professor, pois no século passado o professor era tido como a principal figura responsável pela transmissão do conhecimento para os alunos, hoje com a evolução dos meios de comunicação e com o avanço das mídias eletrônicas e digitais o professor perdeu esse status.

 Mas a pergunta é, será que tanta informação é suficiente para transformar a sociedade e a escola brasileira em um lugar mais justo, mais igualitário e mais prazeroso para as pessoas? Embora, o nosso momento atual venha nos revelando que não, pois pelo contrário, acredito que a crise que a educação vem passando nos últimos anos não encontra precedentes na história brasileira, não podemos fazer um prognostico para o futuro sem levar em consideração os fatores históricos que contribuíram para essa mudança de paradigma que a educação e o ensino de geografia vem passando.

 E se vamos fazer isso, temos também que levarmos em consideração alguns desafios e possibilidades que esses novos meios nos proporcionam, afinal não podemos viver eternamente lamentando o passado e negando o presente. É preciso encarar essas novas mudanças que vem ocorrendo na sociedade hipermoderna para fazer uso das palavras de Gilles Lipovetsky (2005, p. 54) como possibilidade de crescimento, não de alguns grupos, mas sim do todo que compõe a sociedade.

 Sem dúvidas um dos nossos primeiros desafios em utilizar a informática para representar as informações geográficas é fazer com que ela se torne um instrumento de acesso de todos os alunos da rede pública, seja nas escolas ou nas universidades. Pois sabemos que apesar do aumento do uso do computador ainda são poucas as escolas que dispõe desse bem. Outro fator agravante é saber como as escolas que dispõe desse recurso vem utilizando, levando em consideração que são poucos os profissionais que estão capacitados para trabalhar de forma concreta e inovadora o uso do computador na sua prática docente.

 Outro grande desafio que também precisamos vencer é a resistência por parte de um grande número de professores em incorporar os recursos tecnológicos à sua prática pedagógica. Afinal existem muitos fatores que colaboram para que ocorra essa resistência, tais como: Dificuldade dos professores em adquirir o seu próprio equipamento, devido ao baixo salário que ganha, falta de tempo para se dedicar às pesquisas e ao planejamento de como utilizar os recursos da informática em prol de gerar habilidades que venham facilitar a sua prática e despertar a curiosidade dos alunos, bem como também o receio de perder o seu status de dono do conhecimento para os aparelhos.

 Com base nesses problemas temos que primeiramente fazer com que haja uma maior democratização no uso da informática não só nas instituições educacionais, mais também que o aluno e o professor possam ter o seu próprio computador com conexão a internet e outros equipamentos necessários para melhorar sua prática educativa. Pois sabemos que hoje existe uma relação direta entre exclusão digital e exclusão social, afinal em um mundo em que a maioria das informações circulam via internet, quem não tem acesso a tais informações ficará sempre à margem dos acontecimentos e das oportunidades oferecidas.

 Para que isso aconteça é de fundamental importância o incentivo do governo através de programas de compra facilitada e de políticas sérias de geração de emprego e renda, garantindo uma renda com a qual o trabalhador possa investir na aquisição desses recursos. Por outro lado, definir políticas educacionais que deem condições das escolas trabalharem a inclusão digital de professores, funcionários e alunos, com laboratórios de informática voltados para o uso consciente de todos os seus recursos e manutenção para os laboratórios já existentes. Pois no papel a proposta do programa de informática educativa do Governo Federal, chamado de programa Nacional de Tecnologia Informacional (PROINFO) criado em 1997 e regulamento em 2007 é excelente, mas na prática muitas escolas ainda não dispõem de laboratórios e as que possuem estão funcionando com equipamentos insuficientes e inadequados para uso pedagógico.

 Rompido com esses desafios acredito que as novas tecnologias da informação e da comunicação só tem a agregar valor no ensino da Geografia, especificamente através da cartografia temática, podemos afirmar que o uso da tecnologia empregada de forma articulada com outros saberes já conhecidos pelos professores, é de fundamental importância na nossa prática de sala de aula, pois hoje a internet e os softwares informacionais são excelentes ferramentas de interação dos alunos e professores com as informações que estão sendo produzidas de forma instantâneas. A internet nos proporciona uma gama de recursos que pode tornar mais prazerosa a nossa função de educador, pois através dela podemos enviar e receber informações em tempo real, fazer pesquisas sobre fatos históricos, dados estatísticos referentes à população, mortalidade, natalidade, crescimento econômico, impactos ambientais dentre vários outros.

 O computador também é um rico instrumento de auxilio no nosso trabalho diário, pois nele podemos armazenar todas as informações retiradas da internet, manusear os dados estatísticos, construir gráficos, produzir textos e desenhos, e não esquecendo que ele é um hardware de saída de dados, é ele quem nos dá uma interface interessante para atrair a atenção dos usuários. Nessa perspectiva de buscar a interação professor-aluno e conhecimento é que procuro apresentar algumas possibilidades que o programa *Google Earth*nos oferece para trabalharmos conceitos e temas ligados a cartografia de forma mais dinâmica e atual.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

 No primeiro contato que o leitor tiver com esse texto, terá a impressão de que se trata de um discurso conservador ou marxista radical contra as mídias digitais e a globalização. No entanto, o nosso intuito não é esse. Pelo contrário, acreditamos que as mídias digitais hoje fazem parte da realidade de todos nós brasileiros. Isto é fato e não temos como negar. As redes sociais a cada dia conquistam mais adeptos de todas as idades, e eu também, embora não faça uso diário dessas ferramentas, tenho conhecimento das possibilidades que elas proporcionam a seus usuários.

 Mas percebemos que categorias antes trabalhadas na geografia estão tomando novos rumos em virtude do surgimento do espaço virtual, Pois embora o termo espaço virtual não tenha sido criado pelos geógrafos, acredita-se que a geografia enquanto ciência, que tem como objeto de estudo, o espaço geográfico, é uma das áreas que mais tem sofrido influências nessa nova abordagem proporcionada pelo desenvolvimento da ciência e da informação.

 Dessa forma, cabe à Geografia se apropriar desse conceito e o incorporar na abordagem de suas categorias de analise. Afinal, os tempos atuais, exigem o repensar do papel da geografia, enquanto, ciência responsável pelo estudo das relações políticas, econômicas, religiosas e sociais. Tendo em vista que o homem vem sofrendo interferências enquanto ser, histórico e do espaço, seja ele físico ou virtual, até mesmo, porque o surgimento do ciberespaço nos proporciona uma ampla discussão, não apenas conceitual, mas acima de tudo uma discussão prática, a respeito do novo papel do ensino da geografia na sociedade global e tecnológica. Discussão essa que se faz necessária para a reafirmação da geografia enquanto ciência do espaço.

 Também acreditamos que o momento histórico atual é bastante fértil para a reafirmação da geografia enquanto ciência que estuda a relação do homem com seu meio natural, transformando-o em espaço geográfico, pois estas novas possibilidades e conceitos criados pelo avanço das mídias digitais e pelo surgimento desse mundo virtual repercutem de forma muito forte nas categorias de análise da geografia, principalmente no estudo do espaço, do território e do lugar.

 O momento inclusive é bastante oportuno para que façamos uma análise crítica do processo de globalização nas suas múltiplas facetas, pois não podemos acreditar simplesmente nas possibilidades e facilidades que esse processo oferece, e que são divulgadas pelos meios de comunicação. Afinal, como todo fenômeno social, este também possui pontos positivos e negativos, Cabendo a nós professores, fazermos uma análise ampla e racional, tendo como objetivo principal transformar o espaço geográfico em um mundo mais justo e com possibilidade de crescimento igual para todos os sujeitos envolvidos nesse processo, ou fazendo uso das palavras de Santos, devemos propor uma outra globalização.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

AUGÉ, M. *Os Não Lugares*. Campinas: Papirus. 1994

BRIGAGÃO, C. E.G./RODRIGUES G. - *Globalização a olho nu: o mundo conectado.* São Paulo: Moderna, 1998.

Brasil. Decreto nº 6.300 de 12 de Dezembro de 2007. Dispõe sobre o Programa Nacional de Tecnologia Educacional - ProInfo. Disponível em: <[*http://www.planalto.gov.br/ccivil\_03/\_Ato2007-2010/2007/Decreto/D6300.htm*](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2007/Decreto/D6300.htm)>. Acesso em: 10 de maio de 2013.

Brasil. Portaria nº 522, de 09 de abril de 1997. Ministério de Educação e do Desporto. Disponível em: <[*http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me001167.pdf*](http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me001167.pdf)>. Acesso em: 10 de maio de 2013.

FERREIRA, J. R. C. Geografia Virtual: A Representação dos Lugares Físicos no Espaço da Internet. In: LEMOS, A., Palacios, M. *Janelas do Ciberespaço. Comunicação e Cibercultura*. Porto Alegre, Sulina 2000.

GIDDENS, Anthony. *A constituição da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991.

GIDDENS, Anthony. *O Estado-Nação e a violência*. São Paulo: EDUSP, 2001.

LEMOS, A. Ciberespaço e Tecnologias Móveis. Processos de Territorialização e Desterritorialização na Cibercultura. In: *Carnet de Notes*, 02/12/2005 *<http//www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos>*

LEMOS, A. (org). *Cibercidades. As cidades na Cibercultura*, Editora E-papers, Rio de Janeiro, 2004.

LÉVY, Pierre Cibercultura. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIPOVETSKY, Gilles. *A Era do Vazio*. Barueri: Manole, 2005.

MAGNOLI, Demétrio. *Globalização: Estado Nacional e Espaço Mundial.* São Paulo: Moderna, 1997.

PRETTO, N. D. L. *Uma escola sem/com futuro*. Campinas, São Paulo: Papirus, 1996.

ProInfo. Disponível em*:*<[*http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=462*](http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=462)>. Acesso em: 10 de maio de 2013.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal* – 16ª Ed. – Rio de Janeiro: Record, 2008.

SANTOS, Milton. A *Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção.* Ed. Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

SILVA, Solonildo Almeida da. Lugar, *Paisagem e Território no Ensino de Geografia.* Fortaleza: Premius, 2003.

STURZA, José Adolfo Iriam; MACHADO, Lucy Marion Calderini Philadelpho. O Sentido de Lugar em Rondonópolis – MT e o Topocídio do Cerrado: Uma Contribuição aos Estudos de Cognição Ambiental. In: GERARDI, Lucia Helena; CARVALHO, Pompeu Figueiredo (organizadores). *Geografia: Ações e Reflexões*. Rio Claro – São Paulo. UNESP, 2006

TUAN, Yi-Fu. *Ambiguidade nas atitudes para com o meio ambiente*. Boletim geográfico, Rio de Janeiro, IBGE, 245 (33): 5-23, 1975.

TUAN, YI-FU. *Espaço e Lugar*. São Paulo: Difel, 1983.

TUAN, YI-FU. Topofilia. *Um estudo da Percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Trad. de Lívia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1980.